

Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – Campus IV
Curso de Especialização em Estudos Literários

Etnia e cultura popular na construção da identidade Mirangabense

Por
Maria das Dores Silva das Chagas Borges

Mirangaba
2002

Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – Campus IV
Curso de Especialização em Estudos Literários

96

Etnia e cultura popular na construção da identidade Mirangabense

Por
Maria das Dores Silva das Chagas Borges

Trabalho final do Curso de
Especialização em estudos
Literários da UNEB Departamento
de Ciências Humanas – Campus IV
Sob a orientação da professora
Zilda Freitas.



Mirangaba
2002

UNEB - DEP. IV - JAC

Objetivo

- Resgatar composições lúdicas que tem se perdido no tempo e que por fazerem parte da cultura popular recebem a exclusão.
- Perceber a influência étnica na cultura popular mirangabense.
- Discutir a importância do negro na formação da literatura oral / popular de Mirangaba.

Mensagem

Mirangaba! Desejo difundir teu enigmático nome.
Igualmente mostrar o riso e o pranto das cantigas.
Resgatar tua história, teus casos; mostrar-te!
Amar-te; ver tuas crenças, saborear tuas comidas...
Nadar em teus rios apanhar orquídeas?!!
Galgar tuas serras, conhecer tuas grutas e matas
Arrancar do anonimato uma história adormecida.
Buscar e mostrar tuas flores de macambira; teus cactos!
Até que ouçam bem longe: Amo-te cidade querida!

Dasdores

Agradecimentos

Ao Pai Supremo por me proporcionar mais essa vitória.

A Jaci e Eliene por me ajudarem na coleta de composições em Coqueiro e Santa Cruz do Coqueiro.

Jucélia que me mostrou fotografias de Santa Cruz e também falou-me a respeito do povoado.

Nilvaci que regravou para mim as filmagens de torneios de Argolinha.

Maur, Adailton, Orlando, Juarez e Admilson do “Grupo dos Amigos” e Vilton por ter conseguido a gravação das músicas regionais para mim.

Rilson, Romilson e Edivan que muito me auxiliaram.

Ao meu esposo pela compreensão e ajuda ao ouvir as gravações antes que eu as transcrevesse.

Metodologia

O primeiro passo para a realização desse trabalho foi uma pesquisa bibliográfica buscando embasamento teórico para o mesmo.

A seguir uma releitura do material utilizado durante o Curso de Especialização preferencialmente as disciplinas de Literatura Oral e Popular e Estudo do Negro na Literatura.

Segue-se então a coleta de dados a respeito do histórico do município de Mirangaba – Bahia e dos povoados de Coqueiro e Santa Cruz do Coqueiro.

Com o auxílio de um grupo de alunos do Centro Educacional Sórora Joana Angélica – Mirangaba-Ba, onde leciono procedi o resgate dos versos, poesias e cantigas, separando o que deveria ser utilizado. Também efetuou-se as gravações e regravações das manifestações culturais.

Por último a transcrição das composições lúdicas resgatadas e elaboração da monografia.

Resumo

Esse trabalho se propõe a resgatar algumas composições lúdicas do município de Mirangaba-Bahia; como reduto da pesquisa escolhi os povoados de Coqueiro e Santa Cruz do Coqueiro na região de Grotas.

Apresento dados do histórico de Mirangaba e também dos referidos povoados procurando demonstrar a influência étnica na construção da identidade desse povo e nas suas manifestações culturais. Vários são os motivos que me levaram ao tema, entre eles, o fato de ser, como os negros de um modo geral, descendente dos africanos.

As comunidades negras da região mirangabense, tanto quanto no passado, continuam isoladas e ocupando as últimas camadas da nossa sociedade, tudo indica que em decorrência da sua situação inicial de escravos. No passado viveram da criação de gado e do plantio do café, feijão e banana; destaca-se hoje a cultura da banana e a negociação da mesma nas feiras livres da circunvizinhança.

As suas cantigas amenizam as fainas agrícolas duras além de proporcionar-lhes um certo entretenimento. Os sotaques, cantados pelas mulheres, as poesias, as chulas e aboios composições próprias do homem, permitem ver ora a influência do colonizador, ora a do colonizado.

Sumário

Justificativa	
Notas e referências bibliográficas	
Fundamentação teórica	

1ª Parte

1 – Versos de sotaque – O que são?.....	
2 – Mulher Mirangabense – Região de Grotas	
3 – Motivos e Motejos	

2ª Parte

1 – Coqueiro e Santa Cruz do Coqueiro – Chula, aboio e poesia	
2 – Chulas.....	
3 – Aboios	
4 – Poesia – O povoado de Santa Cruz e a sua história.....	

3ª Parte

1 – A Título de Conclusão.....	
Anexos	
Notas.....	
Referências Bibliográficas.....	
Fotografias.....	

Justificativa

Pode parecer de pouca importância o estudo na área da literatura oral, no entanto tenho me deparado com cantigas, contos e causos interessantíssimos que me atraem, aliás o fenômeno das transmissões da poesia pela voz e pela memória, fora de uma exaltação desmedida é atraente. Sinto-me afeiçoada a esse objeto de pesquisa e não gostaria que no decorrer dos anos as nossas cantigas, os nossos contos e histórias fantásticas além de outros caracteres culturais, fossem apagados da memória do nosso povo.

Mirangaba é uma cidadezinha baiana onde os primeiros habitantes chegaram no final do século XIX. Fazendeiros da vizinha Jacobina iniciaram aquela povoação; conta-se que com eles vieram também alguns escravos. Quanto ao elemento indígena, verdade ou não, sempre ouve-se dizer: “a minha avó, ou a minha bisavó, foi pegada a dente de cachorros”. Um observador mais atento logo perceberá que os distritos e povoados mirangabenses possuem diferenças marcantes, inclusive na cor e nos hábitos do seu povo. Nos povoados mais próximos a sede municipal, região denominada de Grotas, os habitantes na sua quase totalidade são negros e possuem um jeito de falar e de agir diferente dos moradores de outras regiões do mesmo município. A influência dos brancos deu-se através dos fazendeiros Manoel Ferreira Cruz, Francisco Ferreira Cruz e João Fumaça que se estabeleceram na região hoje chamada de Campo Grande, iniciando a povoação de Alferes nos últimos anos do século XIX. Ainda por José Joaquim de Carvalho, Joaquim Valois Coutinho, Antônio Pereira de Miranda e Bernardo Teixeira que ali também fixaram residência em 1904 sendo que nesse mesmo ano, inspirados na batalha naval do Riachuelo, e em razão das constantes brigas pela posse da terra, mudaram o topônimo para Riachuelo.

Em 1943 o lugarejo passou a chamar-se Mirangaba – o significado e a origem são desconhecidos. Mirangaba desmembrou-se de Saúde tornando-se emancipada política e administrativamente em 24 de novembro de 1961. possui uma área de 1944 km² e limita-se ao Norte

com os municípios de Campo Formoso e Antônio Gonçalves; ao Sul, com os municípios de Jacobina e Caém; ao Leste com Saúde e Pindobaçu; ao Oeste com os municípios de Campo Formoso e Jacobina. Mirangaba é cercada de serras sendo que os principais são: Laranjeiras, Santa Rosa, Figuras, Tombador, Espinheiro, Areia Branca, Saquinho, Almas, Campo do Meio, Lajedo do Tamanduá, Funil, Cochilo em Pé, Boa Vista, Riacho, Maciel, Malhada do Capim, Castanheiras, Comprida, Canavieiras e, no extremo oeste, a do São Francisco.

“Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certa exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”. É assim que afirma Michael Foucault em A Ordem do discurso, é a rarefação dos sujeitos que falam como ele próprio nos mostra. Quem são os mulatos, os caboclos, os sararás e os negros mirangabenses? – São os diaristas, os sisaleiros, os vaqueiros, os roceiros em geral, os pequenos agricultores. Isso sem falar que entre os diaristas, os peões de sisal e os roceiros há um grande número de mulheres e crianças que cantam, dançam e riem, em algumas ocasiões, mas que no entanto têm um olhar triste e profundo retratando acima de tudo, de forma muda e penetrante a dor, provocada pela marginalização.

É um questionamento que faço a partir de mim mesma; eu, colonizada, tanto quanto os meus irmãos brasileiros; eu, mulata dos olhos esverdeados porque tive um bisavô: filho de branco fazendeiro com uma escrava negra, que nasceu e viveu justamente na região que deu início a Mirangaba; ainda pelo lado materno, tive uma bisavó loira de olhos verdes. Dos antepassados paternos a minha avó contava que a sua mãe, ou a sua avó, não me recordo ao certo, fôra uma índia capturada a dentes de cães; ela, a minha avó, tinha traços indígenas e muitos parentes nosso têm características caboclas: pele escura e cabelos lisos e pretos. Com efeito, esses fatos me abalaram tanto que comecei a buscar informações e em cada uma que encontrei percebi ora a influência do colonizador, ora a do colonizado. Pretendo saquear a tradição e apanhar dentro dela temas do

cotidiano mesmo que estejam encruados tal qual capotes e que tenha que estralá-los até que a casca entreaberta permita ver o lustroso caroço.

As cantigas têm se perdido no tempo e pretendo apanhá-las e ajuntá-las pois sei que esse esforço mesmo que pareça não será vão. O desejo de derrubar as barreiras e neutralizar os obstáculos me ajuda na tentativa de entrar na ordem do discurso. Zilá Bernd, em Inscrição do oral e do popular na tradição literária brasileira, nos diz que no decorrer dos anos, o híbrido deixou de ser etimologicamente impuro, irregular, defeituoso, esquisito e passou a representar a fertilidade, a produtividade, o diferente na literatura latina americana e brasileira; tudo porque reconheceu-se que existe uma riqueza enorme na troca; a estetização do híbrido, a reutilização do oral e do popular têm conseguido unir de uma maneira harmoniosa a oralidade e a literariedade. Afinal de contas somos um povo híbrido e a nossa cultura também o é. Portanto, pesquisar a cultura oral mirangabense é fazer emergir os entretenimentos do passado, as folias dos Santos Reis, os desafios, as cantigas de ninar, as cantigas de farinhada e adjuntos nas épocas de carpina e colheita, os sambas de roda, as chulas e também as lendas e histórias de encantos e assombrações. Tendo que escolher uma cena em especial fico com algumas composições de caráter lúdico que têm se perdido no tempo e que por fazerem parte da cultura popular recebem a exclusão.

Fundamentação Teórica

A tradição oral contribuiu de modo espontâneo e natural com a literatura. O povo fonte da cultura oral, tanto cria mitos supersticiosos, quanto relata episódios heróicos, tencionando explicar os fatos de forma fantástica ou exaltar supostos guerreiros, além de fantasiar acontecimentos. É de contar, ouvir e cantar que nos chega toda literatura.

A literatura popular tradicional transmitida pela oralidade tem caráter específico: "... apresentar-se como prática de extra-contextos-o que quer dizer que sempre se articula com momentos muitos variados da vida de trabalho, de actividade ou de lazer da comunidade" João David Pinto Correia. Os gêneros da Literatura Oral Tradicional; O foco, 64, 65 – ele complementa fazendo-nos ver que as composições de caráter lúdico são aquelas que se destinam a acompanhar momentos predominantemente recreativos ou vertentes de lazer que sejam complementares de actividades mesmo que elas sejam de trabalho”.

O povo fala para o povo; o conto popular é que transmite grandemente essa cultura, é quando o contar é cantado surge a cantiga. Roberto Da Matta em O que faz o Brasil, Brasil? – Diz-nos que pertencemos a um país ao mesmo tempo conhecido e misterioso e que: “Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto – tal como acontece com as divindades -, será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e poder”.

A oralidade permite a recepção coletiva. Tudo que acontece no presente está relacionado com coisas que aconteceram no passado sendo que os acontecimentos presentes modificam os acontecimentos do passado. O texto oral é movente alimenta-se da própria realidade de versões e variantes.

Para Paul Zumthor um conto oral, um folheto, uma cantiga podem estar sustentados em uma matriz impressa que no passado tenha circulado em determinada região. Geralmente quem ouve

uma história reconta-a – cada um ao seu modo – e sendo assim as histórias vão sendo espalhadas pelo mundo afora – sempre recontadas de forma inovadora e criativa.

As sociedades se modificam e essa mudança ocorre paulatinamente. Mais do que nunca essas mudanças ocorrem e interferem nas sociedades. O ser humano cria formas ritualísticas, porém em dado momento ele mesmo quebra esse ritual. Se a dinâmica não acontecesse nada mudaria. Não existe nada parado o que acontece é que alguns movimentos são mais visíveis do que outros. Sabemos que performance é o transbordamento das emoções que se sente no momento de uma apresentação, percebemos que ela não existiria se o público não existisse; a leitura é o processo de trocas dinâmicas; é quando o sujeito, ouvinte e leitor encontra a obra de forma muito pessoal.

Só o presente pode provocar o rejuvenescer do pensamento e é daí que os contos, as cantigas são recontadas de forma nova e especial no decorrer dos tempos. Paul Zumthor fala de performance como algo imprescindível para que uma poesia, um conto, uma cantiga nos prenda à atenção e nos marque de forma mais forte. Zumthor mostra como ela é importante nas transmissões orais da poesia; é a voz, o corpo todo um conjunto de gestos que transmitem sonoridade e emoção. É o saber fazer.

Em seu livro O povo brasileiro, Darcy Ribeiro, analisa a formação histórica do País e diz que é espantoso que brasis tão diferentes se tenham aglutinado numa só nação. Entendemos que o híbrido faz parte da nossa história e da nossa experiência cultural. Descendemos de indígenas, portugueses e africanos e, portanto, a nossa cultura descende também. O popular precisa ser valorizado sem que se caia no erro de idolatrar ou levar para a redoma a cultura do povo. A prof. Edil Silva no seu livro Cinderela nos entrelaces da Tradição diz que “a cultura popular também é fruto do choque das três culturas que aqui se encontram, sintetizando elementos das três, muito embora a principal vertente seja indubitavelmente a portuguesa” – Página 26. Entretanto em alguns lugares a influência africana é notada de forma bem mais profunda.

Versos de Sotaque – O Que São?

Os versos de sotaque, da região de Mirangaba são composições lúdicas que nos chegam cantados de forma simples e graciosa. Os que ora veremos me foram trazidos, por escrito, pela jovem Eliene de Jesus, moradora no povoado de Coqueiro bem próximo da sede do município e pertencente a uma região comumente chamada de Grotas. Quis saber o porquê de “sotaque” e ela respondeu-me que era “pirraça”. Recorri ao dicionário e encontrei “remoque, dito picante, motejo” buscando “motejo” encontrei “escárnio, crítica, censura e gracejo”. Percebi que os versos tinham exatamente estas características. São cantados por mulheres no plantio ou na colheita do café e/ ou feijão, na cata ou na quebra do ouricuri, nas farinhadas ou simplesmente em uma noite de luar – sentadas nos passeios das próprias casas. Os temas giram em torno da vida da mulher – seus amores, desilusões, disputas e até desforras.

Mulher Mirangabense – Região das Grotas

Nos povoados mais próximos à sede municipal, região conhecida como Grotas, os habitantes na sua quase totalidade são negros e possuem maneiras de falar e de agir bem distintas das dos moradores de outras regiões do mesmo município. Ali as mulheres trabalham de forma árdua; elas são as diaristas, lavradoras, esposas dos lavradores e dos vaqueiros. Para amenizar o labor diário elas entoam versos ou cantam animadamente.

Assim como “na África ou entre os índios pueblos, as canções ritmando o pilar do milho são de fato e de direito canções de mulheres. Esta coincidência não explica tudo. Em aldeias africanas a população feminina forma comunidade de vida e de trabalho muito estável, possuindo seu próprio tesouro de canções destinadas a acompanhar a dança dos homens, cantos de rituais femininos,

canções provocativas improvisadas e de uso interno ao grupo como as brincadeiras que se dirigem aos co-esposos” Paul Zumthor. Introdução à poesia oral, 93.

Percebo, portanto, nos versos de sotaque uma estratégia que a mulher tem usado para que de forma lúdica as suas idéias sejam lançados e não uma mera pirraça. segundo George Balandier: a tradição não é radicalmente incompatível com a mudança do mesmo modo que a modernidade não o é com uma certa continuidade. (As Dinâmicas Sociais Sentido e Poder, 102). menciona ainda um trecho do ensaio da professora Doralice Alcoforado: o texto oral mantém-se funcionalmente vivos, atuante, portador de conhecimento e de ensinamentos nas chamadas instituições de transmissão, ou seja, em encontros de convívio coletivo de uma dada comunidade em reunião de trabalho, de lazer, ou por dever de solidariedade. (A Literatura Oral e as Dinâmicas Sociais, 3). a mulher mirangabense divulga os seus interesses, suaviza a dureza do trabalho e proporciona uma certa alegria e animação ao distante torrão-Coqueiros.

Motivos e Motejos

Nos cafezais as mulheres seguem em fileiras catando os grãos pé por pé, conversam animadamente e um gesto, uma palavra, a afinidade ou não com a outra é um bom motivo para motejo.

Uma das trabalhadeiras canta o primeiro verso de sotaque no que será prontamente respondida:

Quem tivé seu namorado
Compre fita e bote nele
Se passá por minha casa
Você já ficô sem ele.

Quem tivé seu namorado
Prenda ele na gaiola
Porque tem umas meninas
Que vão pra missa sem caçola

Casa de fazê farinha
Cocho de penerá massa
Eu só sô piquinininha
Mas te coma na pirraça

Quem tivé raiva de mim
Que num possa si vingá
Amarre uma corda no pescoço
E dê pra eu puxá.

Eu subi no estaleiro
Pra tirá chuchu no pé
Só num tomo teu namorado
Na hora que eu num quisé

Eu subi no pé de pinha
Pra tirá pinha de vez
Namorei cum tabaréu
Deus mi livre de outra vez.

Essas minininha di hoje
Que só fala em si casá
Batam a panela no fogo
Mas num sabe temperá

Lá em cima daquela serra
Tem uma fita balançano

Num é fita num é nada
É meu benzinho chegano

Lá em cima daquela serra
Tem dois pilãozinho de vidro
Quando um bate outro responde
Minino casa cumigo

Minha mãe me disse onte
Hoje torno a me dizê
Casa de muitas janelas
Bota minina a perdê

Quem tivé seu namorado
Prenda ele no baú
Porque as moça de Jacobina
Tão pió que urubu.

Sai daqui cachorra preta
Sai do pé do meu fugão
Tu já tá cum a língua preta
De lambê meu calderão

Lá de trás da minha casa
Tem um ninho de passo preto
Minha mãe tá me criano
Mas num é pra nego preto

Minha sogra só me chama
Caco de torrâ café
Num tenho nada com sogra
O filho dela é quem me qué

Minha sogra só me chama
Caco de torra miséira
Não tenho nada com a sogra
Tenho é cum filho dela.

Minino boca de leite
Da cô de pucelana
Um beijinho da tua boca
Me sustenta três semana.

Nessa reprodução de textos que tanto podem ser falados ou cantados encontramos inúmeras marcas da oralidade entre elas algumas citadas por Samira Youssef Campedelli e Jésus Barbosa Souza no livro do Programa Educar para Vencer-Lingua Portuguesa; Expressão Escrita nº 2, segmento b, 344,356-eliminação das sílabas iniciais e finais das palavras; omissão do final dos verbos no infinitivos e de alguns substantivos; simplificação da concordância entre o substantivos e o verbo, entre o verbo e o sujeito; uso do pronome pessoal reto em função de complemento; uso de vocabulário típico de uma região ou de um grupo social; uso do verbo ter como impessoal, em lugar de haver ou existir.

Nos versos de sotaque a mulher solta a língua, fala de mulher para mulher; lança ludicamente as suas idéias e não apenas critica a outra. Elas nunca quiseram ficar caladas mesmo nos rincões mais distantes as mudanças se fazem presentes, os versos que recolhi para esse trabalho são bem conhecidos das mulheres que viveram a adolescência ou a juventude nas décadas de 50/60 e “como todo texto oral (...) é coletivo e anônimo, pois o autor não é o único individuo, embora em seus primórdios deva ter existido um autor que se perdeu de vista quando o texto passou a integrar a

tradição, a ser propriedade do coletivo”-são palavras da professora Edil Silva Costa-ressalto apenas que quanto as quadrinhas mirangabenses temos “autoras”, muitas delas não escolarizadas.

O constrangimento a respeito da mulher pública se faz presente em “vão pra missa sem caçola” a mulher, mesmo a de Coqueiros não deseja ser a excluída ou a acomodada, quer sim poder escolher seu homem- “namorei cum tabaréu, Deus me livre de outra vez –a imobilidade não agrada-lhes; na sétima estrofe um motejo direcionado à mulher atual que não se satisfaz com o espaço da cozinha como delimitação do seu mundo-para ser mulher não basta ser boa cozinheira, mesmo na zona rural A oitava estrofe mostra a imagem daquela que assume os sentimentos ainda que passageiros, desde que sintam-se satisfeita. Ela corteja, se for o caso: “minino casa comigo”.

Por outro lado também, é preciso que se diga, o reconhecimento das diferenças entre homens e mulheres não implica necessariamente a, perspectiva de uma relação antagônica, de luta, pressupondo um “um superior e outro inferior”, como tem sido convenientemente interpretada- Maria Helena Mendonça em a Literatura Feminina-Recorte de uma Trajetória, 56.

Retornando aos “sotaques” percebemos em alguns deles uma representação pejorativa das pessoas de cor negra tais como: urubu – ave que se nutre de carniça, cachorra preta e língua preta, cabendo ainda acrescentar fogão e caldeirão. Vale lembrar que Coqueiro é uma comunidade negra e que esses versos de sotaque são cantados por mulher negra. Em Mirangaba, como em muitas outras regiões, “cachorra” equivale a prostituta, mulher de comportamento vulgar. Fogão à lenha e caldeirão que se cozinha nele são geralmente pretos de fumaça e carvão; na zona rural é só deixar a porta aberta e os cachorros reviram as panelas. Vemos aqui mulher negra representada como um animal irracional. Negro excluindo negro – Maria Nazareth S. Fonseca confirma o que estou aluindo: “Aceitando fato de que o preconceito contra o negro e o marginalizado existe, mas não é excludente, mesmo a população dos espaços periféricos, de certa forma, acaba por contribuir para o fortalecimento de sua própria exclusão” Brasil Afro-Brasileiro, 94. O pássaro preto que canta

bonito, mas torna-se escravo de quem o possui e lhe vaza os olhos. A redundância “negro preto” é usada sempre que alguém deseja destratar outrém. A moça sugere que está sendo criada para casar com branco. O caco de torrar café representa a cor negra. Um caco é uma vasilha velha que jamais é polida pelo lado de fora, sempre remontando carvão; o café torrado também é preto. A imagem do caco se agrava ainda mais com a palavra misérra que traz consigo uma carga não pequena de significado depreciativo.

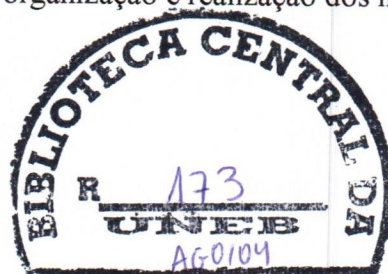
Concluindo as observações a respeito dos versos temos na última estrofe duas simbologias do branco: leite e porcelana-seriam cores puras e nobres?-cremos ser necessários denunciar o preconceito racial,principalmente os que se encontram nos atos mais simples do cotidiano ou,como é o caso dos versos de sotaque,nas manifestações culturais,sendo preciso combater a falta de cordialidade entre brancos e negros que dizer daquela entre alguns negros? Percebe-se no decorrer da história que casos como esse são exceções que acredito sejam resultado de uma “visão que aprisiona o negro em estereotópicos construídos segundo os modos como a sociedade lida com os descendentes de escravos, perpassa também olhares que, querendo-se críticos, endossam os valores definidos pela sociedade” Maria Nazareth S. Fonseca-Brasil Afro Brasileiro, 94. Sinto que a argumentação de Maria Nazareth se adequa a muitos dos versos de sotaque, na região de Coqueiro de Mirangaba, comunidade negra onde podemos resgatar algumas composições de caráter lúdico. Seriam os versos de sotaque uma contribuição africana ao distante torrão baiano? Na África toda tarefa manual é acompanhada normalmente pelo canto... esta poesia exerce uma função dupla: ela facilita, regulando-o, o gesto da mão, mas contribui também para desalienar o operário que cantando, se concilia com a matéria trabalhada e se apropria do que foi feito”. Paul Zumthor. Introdução a Poesia Oral, 90.

Coqueiro e Santa Cruz do Coqueiro – Chula, aboio e poesia.

Conta-se que no ano de 1910 Felipe Neves veio morar próximo da atual Santa Cruz do Coqueiro. Começou a plantar mandioca e logo depois construiu uma casa de farinha. Em seguida preferiu plantar café passando a escritura da Fazenda Coqueiro para a sua mãe Miquilina Neves de Jesus – em 1911 a fazenda já era dela. O tempo foi passando e em 1932 já havia outros moradores por perto: Graciliano, Henrique, Ernestino Ferreira dos Santos.

Certa feita, Graciliano que era vaqueiro ao andar pelas matas, logo no início, quando Santa Cruz possuía apenas três casas encontrou um tijolo, limpou-o e percebeu algo escrito – mostrou ao padre Alfredo Hasler, vigário da paróquia de Jacobina – conta-se a partir de então que no tijolo estava escrito que o mesmo era de uma cidade que se acabou devido a uma catástrofe que esparramou tijolos para todos os lados. Graciliano encontrou o tijolo em 1942. Mais tarde encontraram uma cruz fincada em um terreno baldio coberto pela mata e o mesmo Graciliano fez uma cobertura de telhas para a cruz; depois de algum tempo construiu-se ali uma capela. Atualmente no lugar da capela construíram uma igreja. Essa é a origem do nome Santa Cruz, sendo que “do Coqueiro” vem em virtude da região ser repleta de plantas da família das palmeiras que produzem frutos comestíveis, predominando ali o ouricuri.

Portanto as comunidades de Santa Cruz do Coqueiro e Coqueiro são as que têm conseguido preservar as tradições no que tange aos aboios, as chulas e as poesias de caráter repentista onde podemos sentir a influência do colonizador e do colonizado. “Numa sociedade onde não há igualdade entre as pessoas, o preconceito velado é forma muito mais eficiente de discriminar pessoas de cor, desde que elas fiquem no seu lugar e saibam qual é ele” Roberto da Mata em O que faz o Brasil, Brasil? 46. Em Mirangaba os homens de cor negra são a maioria na participação de eventos como “Argolinhas” e a minoria na organização e realização dos mesmos.



As chulas e os aboios são composições de caráter lúdico que acompanham as recreações ou são cantadas durante o trabalho. Quanto às chulas percebemos que ainda hoje são classificadas como dança de negro, o branco assiste, ri, aplaude, mas dificilmente participa. É a discriminação ao outro que não é branco. Quanto a isso Clóvis Moura em Sociologia do Negro Brasileiro, – mostra-nos que “a comunidade negra e não branca de um modo geral tem dificuldades em afirmar-se no seu cotidiano como sendo composta de cidadãos e não como é apresentada através de estereótipos: como segmentos atípicos, exóticos, filhos de uma raça inferior, atavicamente criminosos, preguiçosos, ociosos e trapaceiros”.

Ao invés de serem cantadas e dançadas com o acompanhamento de sanfona e violão, nos povoados mirangabenses as chulas são acompanhadas por pandeiro e / ou atabaque.

Os aboios são trechos remanescentes dos romances. Sendo texto oral é flexível e vive da própria realidade das versões e variantes, para atrair o gado os vaqueiros fazem uso desse chamado melódico, outras vezes nos adjuntos para carpina, destoca, plantio ou colheita os aboios são entoados durante a execução das tarefas geralmente em forma de dueto – muitos denominaram essa espécie de cantos de aboiado. São também entoados nos torneios de Argolinha que são reminiscência dos torneios da Idade Média, em que os cavaleiros exibiam, em um espetáculo público, sua força e coragem.

Comprovamos a existência, na região em estudo, de composições pertencentes ao gênero narrativo – dramático “que engloba também os textos derivados do gênero épico, abrange as composições, quer em verso, quer em prosa, que assentam na componente discursiva que é a narração, e que têm como elemento diminuto ou principal, o diálogo, contado com muita pouca descrição”. – João David Pinto Correia. Os Gêneros da Literatura Oral Tradicional, 65. As poesias têm ainda características de romance – prevalece o realismo dos agentes e das situações antigas, em

que o aspecto maravilhoso merece pouco destaque. A poesia O povoado de Santa Cruz e a sua história, do senhor Silvinho possui essas características.

Chulas

Quando eu ia pá Sampaulo
Passiei no Paraná
Arisco que nem um gato
Pintado que nem gambá
Oê, ô sambadô...
Insina a muié sambá
Oê, ô sambadô...
Insina a muié sambá

Grita: Cuidado minino

* Repetem quatro vezes e no final da quarta vez cantam:

Oê, ô sambadô...
Insina Dardore sambá
Oê, ô sambadô...
Insina Dardore sambá
Oê, ô sambadô...
Insina Dardore sambá.

* Ao iniciar essa canção um dos cantadores grita:

Sigura!

Ô Mariquinha ocê hoje vai
Ô Mariquinha ocê hoje vai
Eu vô remá minha canoa
Eu vô levá ocê na proooa!
Mariquinha ocê hoje vai.

* Repete várias vezes.

Aboios

* Os aboiadores são: Ceará e Joelito, conhecido como Charutão.

Ceará: Primero Jesus mim deu um dom
Aqui sô vaquero
A vinte ano a trinta
Aqui não sô daqui
Sô cearenso, sô gente vin...vindo
(gagueja) lá de fora.
Aqui eu erro meus vesos
Mas vô abençoá o povo de Mirangaba ê ê ê ê i...
Charutão tá presente, a mim anunciar
Vai mim entregá um troféu
Foi o que tocou a mim
Á Deus abençoi o padroero
A igreja de Mirangaba ê ê ê ê i...
Vô mandá um abraço pra Artu Miranda que é o prefeito daqui...Aqui...

* Pausa; som de risos; parece que o cantador se atrapalha.

Joelito: É hora! É hora deu viajá
O meu coração parpita o tempo deu viajá.
Adeus, adeus meus amigos, cum ano eu torno voltá.
Essa festa de vaquero
Tem o amor do coração
Tem o abraço apertado
E tem o de dedicação
Um abraço pros amigos
E o povo da região a ê ê ê ê ...

* Nesse outro aboio o tema é mulher. Joelito inicia:

Ei i i i...iá...
Minina quando te vejo
Que não posso te levá
O sangue fôge da veia
O coração do lugá
Os cachos do teu cabelo
Daí uma corda peu laçá
Ô ô ô ô ô i...

* O aboiador para e fala:
Ê ô vaquero! Ê ê chupa cabra!
Chega aqui dá um vesos também aqui.
Salta aí! Dá um vesos. Quem?
Vem Nego de Pedo, dá um aboio,

Nego de Pedo, pra pudê viajá.
Tosse; coça a garganta aí.
Levanta o bagaço. Solta. Apura!
Nego de Pedo fala:
Vê se tem alguma muiê ainda por aqui
Joelito responde:
Tem muiê não, mas pode dizê um vesó.
Nego abóia:

A moça pra sê bunita
Tem que tê a pele morena
Tê os cabelo bem cumprido
Com uma boca bem pequena
Aquela que morte mata
E Jailton chora de pena.

O povoado de Santa Cruz e a sua história (Silvinho de Santa Cruz)

Há momentos em nossa vida
Que não conseguimos esquecer
Nos deixam recordações
Cicatrizou o nosso ser
Hoje só nos resta o passado
Só nos resta mesmo a saudade
De tudo e de todos; podem crer.

É assim que começa a historia
De um pequeno lugarejo
Nas províncias da Bahia
No nordeste brasileiro
Dos costumes de sua gente
Das suas tradições e pobreza

Esse pequeno lugar
Por nome de Santa Cruz
É uma terra rica e fértil
Que quase tudo produz
Feijão, mandioca, aimpim
Café, arroz e banana
De tudo um pouco existe enfim

Esse pequeno lugarejo
Pouco além de um cidade
Foi crescendo pouco a pouco
Transformou-se em povoado

Por gente simples e humilde
Moradores dos arrebaldes

Chegaram bastante famílias
E se instalaram por aqui
Todos com um só objetivo
O de plantar e progredir
Viver nesse lugar alegre
Sempre, sempre a sorrir.

A chuva era no tempo certo
No inverno e no verão
Os camboeiros de setembro
Era mesmo devoção
Na colheita do café era a maior alegria
Trabalhadores no meio da roça
Cantarolavam todos os dias
Pois a chuva não faltava
Tudo era com fartura
Todos respeitavam a natureza
Mesmo fazendo as plantações
Sem desmatar os terrenos
Todos viviam satisfeitos
Colhendo com animação

Banana tinha com fartura
Não se via escassez
Mangueira então nem se fala
Inclusive no João Coelho
Coco babaçu tinha bastante
Mas destruíram num instante
Num ato de malvadez.

Tinha colheita de café
Que começa no mês de abril
Hoje não existe mais nada
De certa forma sumiu
Nada para muitos é exemplo
Coisa igual nunca se viu.

Pois se cultivava o café
Inclusive a banana
Na Fazenda Santo Antonio
Conhecida como Santana
Na colheita do café
Era uma coisa bacana.

Na roça de Valdemir

E também do senhor Edigar
Se via uma multidão
Colhendo café a cantar
As lindas cantigas de roda
No meio do cafezal

Trabalhavam homens e mulheres
Numa luta de encardir
Enfrentando a chuva de inverno
Mandada pelo Pai Eterno
Não tinha nenhum mistério
E vinha a todos servir.

Tudo era com fartura
Até no tempo de verão
Deus olhando para seus filhos
Que lhe tinham admiração
Ninguém vivia da ganância
Nas roças havia de tudo
Pois tinha muita união.

Até a uns tempos atrás
Todos tinham animação
Todos se lembravam de Deus
Com amor no coração
Ricos e pobres se uniam
Pois todos que ali viviam
Tinham uma só obsessão

Ali não existia energia
Naquela ocasião
Luz só nas quadras de lua
O resto era escuridão
Nas casas só candeeiros
Em Santa Cruz do Coqueiro
Gameleira e Barroão

A segunda geração
Tudo quis modificar
Só queria a vaidade
Nem de Deus queria lembrar
Destruiu os verdes campos
Até mesmo as palmeiras

Destruiu-se a natureza
Nem parou-se para pensar
Na seca que plantavam
Querendo a tudo adubar

Foi bom tempo, pouco tempo
Hoje vejam como está

Começaram a querer destaque
Com o ato de humilhação
Se distanciando uns dos outros
Qualquer coisa é confusão
Tem muitas rivalidades
Uma enorme falsidade
Que só traz destruição

Acabou-se as tradições
Que existiam no lugar
O nosso velho barracão
Que a tantos pôde abrigar
Mascates de toda região
Quando vinham negociar

Destruíram nossa árvore
Lá de frente a igreja
Para esticar fios de energia
Onde tudo parecia
Que ia ser uma beleza
Na verdade hoje em dia
Por falta de engenharia
Só resta mesmo a tristeza

Só restam recordações
Que dá saudade em lembrar
De tudo e de todos, podem crer
Quem ti viu e quem te vê?
Na verdade é só saudades
Que dá tristeza em comentar

Os destaques inconstutivos
Só trouxe dor e miséria
E cada dia que se passa
A coisa fica séria e ilusória
Transformando Santa Cruz
Em uma verídica historia

Acabaram com as tradições
Com a tristeza estão vivendo
Cadê a missa de maio
De setembro e de novembro?
Onde todos se casavam
E o padre Alfredo batizava
Às crianças que iam nascendo

Sem duvida é uma historia
Que não sai da imaginação
Muitos se afastando de Deus
Se transformando em maus cristãos
É sobrinho destruindo tio
Coisa igual nunca se viu
Aqui em nossa região

É uma violência descabível
Que só traz dor e tristeza
Fatos ruins correm o mundo
Descrevendo a malvadeza
Só Deus pode nos salvar
Dessa terrível impureza

É difícil acreditar
Mas é preciso dizer
Que se matava rês
Na feira para vender
De sexta até domingo
Que dava gosto de ver

Havia loja de tecidos
De ferragens e salão de festa
Farmácia e sapataria
Até mesmo padaria
Onde se comprava todo dia
O pão para tomar café

Tinha a venda do Marculino de Alipes
E de Antonio Mariano
Também tinha a de Porcino
Seu Zeca e João Feliciano
Santo gago do outro lado
Santo Ribeiro e dona Isaura
Até chegar em tio Canjo

A feira era bem grande
No povoado de Santa Cruz
Barraqueiras tinha bastante
Vendendo arroz-doce e cuscuz
Quem fazia era D. Idalina
E tantos outros que existiam
E era assim Santa Cruz

Ali a D. Maria de Terto

Que trabalhava num doce esperto
D.Isaura que não esqueço
Com seu doce muito bem feito
Também tinha D.Mira
E hoje só resta D.Jacira
No povoado por certo.

Também tinha D.Arnéas
E a Maria de Viturino
D.Nanoca, D.Alice, D.Caitana
D.Vadinha e Nega de Zé Amâncio
Do Barbosa o velho Bainho

O senhor Baio vendia chapéus
O senhor Nicolau vendia canas
O senhor Dudu o doce
Feito da própria banana
Rosa de Jove era fateira
Assim a feira era bacana

Quando era às onze horas
A feira já estava reunida
No meio da movimentação
Se ouvia uma gritaria
Era quando Maria doida
Pegava as coisas e corria

Eu ainda me lembro até hoje
De uma cena que assisti de perto
Uma briga de Maria doida
Com D.Maria de Terto
A barraca foi ao chão
E as panelas ficaram descobertas

Tinha o curral do conselho
Onde se prendiam os animais
Durante a hora da feira
Pois tinha gente demais
Tudo tinha que ser direitinho
Tudo dentro do normal

Hoje só restam as tristezas
Lamentos e dificuldades
Todos mesmo de olhos abertos

Quase nada têm enxergado
Não se conscientizam dos erros
Que fizeram no passado

Derrubaram as palmeiras
Os matos e as capoeiras
Destruíram o café nato
Cometendo grande besteira
A chuva ficou escassa
Acabaram-se as verdes matas
Também sofrem as bananeiras

Se vendia semanalmente
Para mais de cem mil bananas
Passadas no carboreto
Era uma luta tirana
Hoje tudo se acabou
Inclusive no Santana

Tudo se modificou
Quando começou a ambição
Uns se distanciando dos outros
Havendo até humilhação
Teve gente que foi em cana
Brigando até por banana

Coisa que nunca se viu por aqui
Por banana ninguém brigar
Amadureciam nas roças
Se via até amarelar
Os bichos se alimentavam
Raposa, rato e sofrê
Assanhaço e sabiá.

O tabuleiro que existia
Onde se apanhava araçá
Terra do governo chamada
Uma serra rica de águas
Onde nós íamos nadar
Hoje está toda isolada
Sem de nada adiantar

Para se apanhar um pau de lenha
Para cozinhar uma panela
É mais um motivo para brigar
Pois não existem mais matas

Em cada canto há uma cancela
As vezes, já é terra de inimigo
Correndo até mesmo perigo
Que se transforma em novela

Hoje tem prédio escolar
Na área da educação
As ruas são todas calçadas
Fazendo a ornamentação
Até um posto telefônico
Sem ter administração
Cada um faz o que bem quer
Com chantagem e ingratidão

Hoje não se estuda como antes
Se tornando em badernação
Antes sem ter esses recursos
Existia outra dedicação
Se estudava em casa particular
Pois não tinha prédio escolar
Mas aprender era uma obrigação

D.Maria Clemente foi
Uma das professoras aqui
Que alfabetizou muita gente
Também teve as professoras
Eva¹⁸, Zildete e Antonieta Clemente
Alunos tinham que se esforçar
Também muito obedientes

Tinha a pedra de escrever
E também de fazer contas
Quadro-negro era luxo
Não se ouvia nem falar
Coisa que não chegou ao nosso alcance
Se aprendia com o paleógrafo
No manuscrito com muito esforço
Tudo era tão interessante.

A título de Conclusão

Pesquisar a cultura oral mirangabense proporcionou-me resgatar verdadeiras preciosidades que estavam como que adormecidas na memória do povo e tidas como coisa de nenhum valor. Imergir nesse mundo fascinante procurando entender os fenômenos da oralidade é ter sempre a surpresa de ver contos, cantigas e outras composições sendo recontadas de forma inovadora e criativa.

Afeiçoei-me a esse objeto de pesquisa e desde o princípio visualizei a possibilidade de trazer a cena algumas composições de caráter lúdico, procurando ver nas mesmas as influências étnicas, ressaltando a grande parcela de contribuição dada pelos negros na música, na língua, nas festas populares e em outras manifestações da cultura mirangabense.

As populações descendentes das culturas africanas, apesar das grandes modificações sofridas no decorrer dos anos, continuam congeladas nas mais baixas camadas da nossa sociedade. Em Mirangaba não é diferente, a região conhecida por Grotas é constituída, por comunidades, em sua grande maioria, formada por pessoas de cor negra, que trabalham no cultivo da banana e na venda da mesma nas feiras das cidades circunvizinhas, principalmente Jacobina. Eles falam e agem de maneira distinta dos outros povoados.

Os negros mirangabenses continuam se aculturando, porém esse processo parece não estar influenciando nas modificações de sua situação social e econômica, e quando isso acontece é em proporções individuais e pouco significativas.

Os versos de sotaque, as chulas, os aboios, as poesias são manifestações culturais de Mirangaba que demonstram como em um contato cultural os colonizados sofrem a influência dos colonizadores resultando disso a transmissão por parte dos dominados de alguns dos seus padrões aos dominadores que incorporam-nos a sua cultura de origem.

Notas

Sararás: Diz-se das pessoas mestiças de cor clara e cabelos ruivos.

Peões: Homem que se emprega nos trabalhos de roça com vencimentos diários ou mensais; o peão de sisal é aquele que trabalha no campo de sisal cortando, carregando a palha, cevando ou residando ganhando por produção.

Encruados: Diz-se dos grãos de mamona com as cascas endurecidas que são deixados expostos nos terreiros até que aquecidos pelo sol possam ser estralados com o auxílio de um objeto pontiagudo, geralmente uma faca ou um pequeno espeto feito de madeira.

Capotes: Os grãos de mamona encruados na casca.

Adjunto: Mutirões, batalhões, ajutórios realizados com o objetivo de ajudar o outro na carpina, destoca, plantio, colheita, farinhadas. As pessoas participam voluntariamente e são recompensados com muita comida, bebida e cantorias.

Ouricuri: palmeira brasileira que tem uma grande e espessa coroa de folhas cobertas de cera: muito abundante em Coqueiro, Santa Cruz e Três Coqueiros, povoados de município de Mirangaba.

passeios: calçadas: partes elevadas de algumas ruas, destinadas ao trânsito de quem anda a pé.

Estaleiros: espécie de jirau formado de pedaços de viga, fixos na terra com estacas, que os agricultores constroem para que nele se enrosquem trepadeiras nos jardins, hortas e pomares.

Tabaréu: homem acanhado, tímido; caipira, matuto, sertanejo; indivíduo que se atrapalha no falar.

Misera: Maneira Popular de dizer a palavra miséria.

Santa Cruz do Coqueiro: povoado mirangabense da região das Grotas cujo nome é em virtude de uma cruz encontrada em meio ao matagal.

Alfredo Hasler: Padre estrangeiro que trabalhava na paróquia de Jacobina; percorria toda a micro região a cavalo ou em um velho jipe. Antes e após as missas ele fazia consultas médicas e distribuía medicamentos.

Aboio: Canção melódica cantada pelos vaqueiros para atrair o gado; às vezes entoada durante os trabalhos de carpina, destoca, plantio ou colheita; geralmente em forma de dueto.

Chula: dança e música popular que na região mirangabense é acompanhada ao som do pandeiro e / ou atabaque. É considerada como música de negros.

Argolinha: jogo em que uma pequena argola é pendurada numa trave para que o cavaleiro tire com uma vareta de aproximadamente trinta centímetros. São reminiscências dos torneios da Idade Média onde a argola era tirada com a espada.

Gravação realizada em setembro de 2002. (Chula e Samba)

Re-gravação efetuada em setembro de 2002 – fita de vídeo – Argolinha em Mirangaba.

Arrebaldes: Nos arredores; em torno de.

Camboeiros: Chuvas finas, mas constantes.

Luta de encardir: Trabalho pesado.

Candeeiro: Utensílio em que coloca óleo ou querosene para iluminação; o mesmo que lamparina.

Rês: Nome que se dá aos indivíduos do gado bovino.

Maria doida: Figura que se tornou folclórica na região mirangabense. Invadia as casas para pegar alimentos. Década de 50.

Carboreto: Forma popular da palavra carbureto ou carboneto; é produzido de areia e coque juntos em um forno elétrico e usado em forma triturada como abrassivo; muito usado para acelerar o amadurecimento da banana.

Sofrê: Pássaro de bela plumagem nas cores amarelo e preto.

Araçá: Fruto nativo da família da goiaba.

Cancela: O mesmo que porteira.

Eva: Uma das primeiras pessoas a lecionar em Santa Cruz – Eva Joana da Silva, irmã da minha mãe, Joana Maria da Silva – foi professora leiga no final da década de 50.

Paleógrafo – Livro pelo qual eram alfabetizados os alunos do início do século XX.

Manuscrito – Idem ao anterior

Referências Bibliográficas

- ALCOFORADO, Doralice. *a Literatura Oral e as Dinâmicas Sociais*. S/d, 3.
- BALANDIER, George. *as Dinâmicas Sociais: Sentido e Poder*. São Paulo: Difel. 1976, 102.
- BERND, Zilá. *Inscrição do Oral e do Popular na Tradição Literária Brasileira*. Porto Alegre, RS. Editora da UFRGS, 75.
- CAMPADELLI, Samira Yousef; SOUZA, Jésus Barbosa. *Língua Portuguesa-Expressão Escrita nº 2-Segmento B. Programa Educar Para Vencer*. Bahia: Fundação Luiz Eduardo Magalhães. 2001; 344,356.
- CORREIA, João David Pinto. *Os Gêneros da Literatura Oral Tradicional*. *O Foco*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 1993, 64, 65.
- COSTA, Edil Silva. *Cinderela nos Entrelaces da Tradição*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia; Fundação Cultural. EGBA, 1998, 22, 26.
- DAMATA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco. 2002, 12.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Brasil Afro Brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica 2000, 94.
- FOUCALT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996,37.
- MENDONÇA, Maria Helena. *A Literatura Feminina-Recorte de uma Trajetória* in RAMALHO, Christina (org). *Literatura e Feminismo; Proposta e Reflexões Críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999, 56.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. In. *TV Escola Especial. Brava Gente brasileira 500 anos de pluralidade cultural*. Brasília: MEC. 2001, 38.
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução a Poesia Oral*. São Paulo: Hucitec. 1997, 90, 93.
- . *Introduction à La Poésie Orale*, In BERND, Zilá; MIGOZZI, Jacques, orgs. Porto Alegre. Editora da Universidade UFRGS. s/d, 46

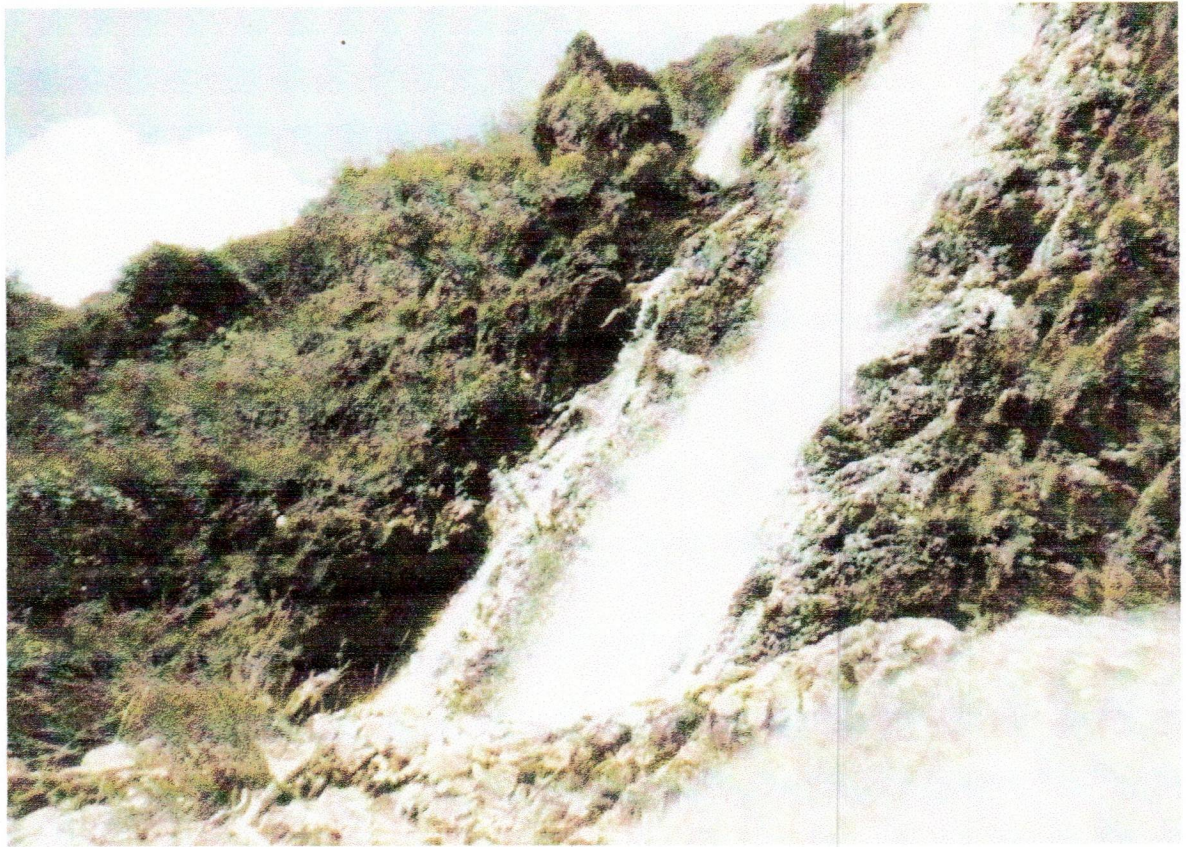
Fotografias



Praça Juracy Magalhães – Mirangaba – Ba (Sede)



Idem



Cachoeira da Serra – Nuguacu – Mirangaba – Bahia



Eliene de Jesus – Colaboradora com os versos de sotaques – juntamente com os seus colegas do CESJA – 2001, 2002.



Jucélia Souza Miranda – moradora em Santa Cruz e aluna do CESJA – uma das colaboradoras – 2001, 2002.



Jacy, aluna do CESJA moradora em Santa Cruz do Coqueiro – resgatou a História de Santa Cruz em 2001.



Jacy na barraca de Comidas Típicas de Mirangaba no encerramento do 1º semestre letivo do CESJA em 2002.